

Sinara Robin

Para começar esta conversa, gostaria de trazer a ideia colocada por um antropólogo-historiador francês que pode ser entendida mais ou menos assim: minha opinião é de que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso; o que não significa que seja ruim. Mas então, se tudo é perigoso, temos que fazer algo. Estamos sempre em perigo quando não compreendemos a complexidade da vida do outro. Seus percursos sócio-culturais, que no contrapelo dizem muito sobre o nosso modo de ser e estar no mundo. Este movimento é exigente, no meu ponto de vista, pois está o tempo todo a requerer conversas, trocas de experiências e conhecimentos. Como os que fizemos aqui, nesta série de encontros. Nossos encontros não só se pautam por sistematizações de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, mas fundamentalmente se realizam através das palavras de pessoas que trazem a alteridade e a diversidade como valor. A suas presenças nestas conversas representam um importante item a ser contemplado, pois vai além das identidades. São percursos, são universos simbólicos, são alteridades e principalmente experiências.

Meia volta, volta e meia, e nós gaúchos estamos às turras com nossa identidade. Identidades são forjadas assim, às turras. Sempre em meio a conflitos e controvérsias. Quem somos



como somos e como nos relacionamos são perguntas que fazem parte das inquietações quando tentamos sistematizar nossas experiências neste canto do mundo - como gaúchos. Penso que estes conflitos são inerentes à construção social das identidades uma vez que estas são sempre relacionais. As identidades tendem sempre a nos reduzir (por isso vivemos brigando com elas).

Há diversas maneiras de conceber os vínculos entre cultura e sociedade, realidade e representação, ações e símbolos. Embora tenhamos a tendência - na história escrita - à referência a um paradigma global, com conceitos associados que confirmam a explicação dessa história, tem uma que é vivida, que é diversa, densa, que precisa ser explicitada. Brigamos com isso, pois no Rio Grande do Sul - briguento e turrão - tem um movimento da história oficial de tornar estas alteridades invisíveis ou até mesmo de negá-las tratando o outro como exótico e, portanto exigindo deste um comportamento tal qual se quer.

Neste movimento de apagamento das alteridades ou de uma história aparentemente sem diferenças e/ou diferentes reunimos neste quarto encontro percursos pessoais e experiências acadêmicas para conversar sobre "a visão dos nossos outros sobre a cultura gaúcha e sobre os modos de ser do gaúcho". Muito se tem escrito sobre a cultura de fronteira que o Rio Grande do Sul representa. A fronteira conforme apreendo se apresenta como um espaço de mediação, uma zona nebulosa onde são repensados, apreendidos, digeridos e praticados os pressupostos tanto teóricos quanto práticos da compreensão do mundo, onde é possível operar com o tradicional, o moderno e suas metamorfoses. No território em questão, as várias temporalidades postas por estas categorias se apresentam como um todo complexo. Há tal intersecção do tradicional com o moderno que ambos estão em constante movimento. São mediações e um tráfego constante entre um dentro-fora. O estrangeiro habita em nós. Isso implica enfatizar a



reflexividade humana, a nossa capacidade de permanentemente tecer essa dimensão simbólica, monitorar e ressignificar nossas relações com os mundos social e natural, reconstruindo inclusive nossas identificações individuais e coletivas, nossos processos interativos. Essa interação neste espaço intermediário do plano do diálogo, um espaço sinuoso, cria um mundo ou a compreensão das diferenças entre os mundos.

Estamos, nos "NósOutros Gaúchos" construindo uma possibilidade de restaurarmos pedaços da nossa história. Refiro-me à abordagem antropológica da noção de historicidade, sempre muito "próxima da experiência" e envolta num movimento que indica uma mudança histórica culturalmente viável e uma mudança cultural historicamente possível (pois em meio às práticas das pessoas). Esta abordagem propõe que a história vá cedendo lugar para histórias, para historicidade.

Vitor Necchi

Desde a minha infância, na minha casa, se no início não era um questionamento, era uma vivência em torno de uma identidade do gaúcho. A minha vó era de Bagé, saiu super cedo de lá, com 5 anos, mas essa cidade, esse mundo da campanha, essa mitologia em torno do gaúcho é completamente impregnada na minha vida, num primeiro momento por conta dessa influência da criação da minha vó.

Num segundo momento, no meu colégio, por incrível que pareça eu fundei um CTG: "Poteiro da Várzea". Não só fundei um CTG como fui agregado das pilchas, que quer dizer Tesoureiro, e presidente do Conselho de Vaqueanos, que quer dizer Presidente do Conselho Fiscal. Também dancei muitas danças gaúchas, até chula eu dancei. Mas ao mesmo tempo foi durante o colégio que começou o meu estranhamento com isso tudo, com essa identidade que surge lá na minha família, de minha vó, cheguei no colégio, criei um CTG, me pilchei, dançava, toquei violão, cantei, fiz todo o protocolo até que chegou um momento que começou o estranhamento.

E culminou o fato de quase uma aversão minha ao tradicionalismo como um movimento, não ao gauchismo propriamente dito, mas a esse movimento ideológico encarnado sobretudo pelo MTG. Em consequência disso, fui pesquisar e no meu mestrado acabei fazendo uma pesquisa sobre como se dava a representação da identidade gaúcha no cinema. Então, quando eu recebi o convite para participar desse evento, naturalmente lembrei dessa minha trajetória, das reflexões que eu faço em torno desta questão identitária, que é muito presente para todos nós que estamos neste Estado. Tendo nascido ou não aqui, mas quem está aqui, pelo menos no dia 20 de setembro, é confrontado diretamente, e diariamente nós temos esse confronto com essa noção de identidade.

Sobre o tema dessa noite, inicio fazendo algumas provocações. A primeira questão é partir da premissa de que o gaúcho tem um ego inflado, de que o gaúcho tem um ego superlativizado, tem um orgulho excessivo da sua identidade. Isso é quase uma obviedade, basta sairmos na rua e falar com alguém que nós percebemos isso. A partir disso, questiono: o que essa superioridade provoca no outro?